

Críticas irritam Sarney, que não quer negociação precipitada

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"O governo brasileiro não vai efetuar nenhum pagamento simbólico aos credores do Brasil no Exterior. Ou chegamos a um acordo que resulte, de um lado, na suspensão imediata da moratória e, de outro, na retomada dos fluxos de recursos externos para o País, ou fica tudo como está. A determinação do governo brasileiro é de negociar com boa vontade, mas sem precipitações." Este desabafo foi feito ontem, no Palácio do Planalto, pelo presidente José Sarney, num momento de irritação com alguns dos comentários depreciativos sobre o Brasil, publicados na imprensa estrangeira.

O presidente Sarney, apesar do desabafo, acredita no êxito das negociações com os bancos privados no Exterior, pois julga que, de um modo geral, são favoráveis as reações aos programas de ajustamento da economia do País. Entretanto, não se sente satisfeito com o empenho dos governos dos países ricos na busca de uma solução para o problema da dívida externa do Terceiro Mundo e, em particular, com as atitudes tomadas pelo Clube de Paris (que reúne os bancos oficiais dos principais países desenvolvidos).

Segundo avaliação feita, ontem, pelo porta-voz do Palácio do Planalto, Antônio Frota Neto, o quadro das negociações externas do Brasil com os seus credores não está estático. Houve — explicou — alguns progressos, como demonstra o convite formulado pelo secre-

tário do Tesouro norte-americano, James Baker, para que o ministro Luiz Carlos Bresser Pereira comparecesse a Washington para discutir com ele a questão da dívida. Para Frota Neto, embora alguns interpretem o convite de Baker como se fosse uma "intimação" não há nenhuma dúvida de que se trata de um gesto positivo.

“Vamos explorar todas as linhas possíveis de negociação. A determinação do governo brasileiro é de negociar com boa vontade, mas sem precipitações”

A busca de uma solução política para o problema da dívida externa do Terceiro Mundo, segundo Frota Neto, já conta com simpatia dos governos japoneses e alemão (RFA) e, agora, como demonstra a atitude de James Baker, começa a atrair também os Estados Unidos.

Sobre as colocações feitas pela revista inglesa *The Economist*, recomendando os banqueiros internacionais a não mais emprestarem dinheiro ao Brasil, o porta-voz do Palácio do Planalto diz que este tipo de atitude não surpreende o governo brasileiro, que reconhece, aí, uma atitude desesperada ante a paciência demonstrada pelo Brasil e a coragem do governo brasileiro ao declarar a moratória. É também uma forma de tentar intimidar os brasileiros na hora da negociação, coisa que — garante — não vai funcionar. Para Frota Neto, os argu-

mentos apresentados pela revista inglesa são tão frágeis que não se apóiam em nenhuma constatação técnica.

PROPOSTAS

Antes de deixar o Brasil, o ministro Bresser Pereira recebeu determinação expressa do presidente Sarney no sentido de ampliar ao máximo o campo de negociações com os credores do País. "Vamos explorar todas as linhas possíveis de negociação", foram os termos textuais utilizados pelo presidente da República.

O ministro da Fazenda brasileiro leva para apresentar aos banqueiros propostas convencionais — prazo de 20 anos de amortização, menores *spread* (taxa de risco), refinanciamento de parte dos juros (pelo menos US\$ 7,2 bilhões para 1987/88) e propostas não convencionais — troca de títulos da dívida por títulos novos com desconto de 30% e garantia dos governos dos países ricos, retirada dos pequenos bancos da negociação, pela troca de títulos da dívida por *bônus*, etc. A determinação do presidente Sarney é para que o ministro não deixe de explorar nenhuma possibilidade de negociação.

Segundo Frota Neto, a estratégia de negociação da dívida externa brasileira é do presidente Sarney, a tática é do ministro da Fazenda e a operacionalização dos assessores da Fazenda, do Banco Central e do Palácio do Planalto. Na estratégia destaca-se como ponto central a "politização" da dívida externa.